
Maria Verónica Secreto

Professora no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (ICHF / UFF - Rio de Janeiro / Brasil)

e-mail: veronica.secreto@ig.com.br

FRANCO, Stella Maris Scatena.

Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz Del Sul: Edunisc, 2008. 281p.

Stella Maris Scatena Franco nos convida nas páginas de seu livro *Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX* a internar-nos nas vidas de três mulheres viajantes latino-americanas do século XIX através de suas autobiografias, biografias, memórias, maneiras de narrar e de ver América e Europa.

O livro se insere num cruzamento, ou conjunto de interseções raras: o das mulheres viajantes que narram a partir de uma perspectiva particular, a de latino-americanas na Europa e nos Estados Unidos. Mary Louise Pratt define às narrativas de americanos sobre Europa como fruto de um fenômeno/período que chama de "auto-afirmação crioula". Parece-lhe inevitável que o sujeito pós-colonial fizesse isto. O novo não era que os crioulos viajassem pois isto sempre o tinham feito, mas que escrevessem sobre essas viagens com autoridade discursiva. Uma autoridade que lhes permitiram representar a Europa. A esta "originalidade", a autora de *Peregrinas de outrora* soma a do gênero.

As três viajantes em questão são: a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, a brasileira Nisia Floresta e Argentina Eduarda Mansilla de Garcia. As três pertencem à elite de seus respectivos países e todas moraram muitos anos na Europa. Talvez nestas experiências tenham construído sua autoridade discursiva embora, como observa a autora, o "eu" pessoal, individual, está mais presente que nos relatos masculinos. O universo representado é, nelas, o universo cultural feminino, sem cair no essencialismo, Stella Maris problematiza a relação delas com a representação dominante do "feminino", definindo sua perspectiva de análise "na tensão entre consentimentos às representações dominantes e deslocamentos ou tentativas de subversão das relações de dominação." (p. 27)

O livro se estrutura em quatro capítulos. No primeiro, as viajantes são apresentadas a partir de narrativas sobre elas e de suas auto-representações. A estratégia adotada é escapar das armadilhas da "biografia", como caminho de certezas nas trajetórias individuais e apresentar-nos as ambigüidades das representações. Nos textos escritos por Avellaneda destaca sua representação de mulher "diferente" de talentos, distinta da mulher padrão; mas esta auto-imagem é nuançada pelas contradições que a envolvem, já que para Gertrudis, a felicidade da mulher completava-se com o casamento. As narrativas sobre ela de alguma forma vão ao encontro dessa construção, destacando de modos diversos sua originalidade quase "masculina", capaz de produzir uma obra com espírito varonil e sem a languidez dos trópicos.

No segundo capítulo, são abordadas as narrativas delas mesmas, seus relatos de viagem e as intertextualidades. Destaca-se que não se trata de viajantes stricto sensu, isto é, que as três escreveram muito mais que relatos de viagens e que viajaram muito mais do que escreveram. As formas que as escritas de viagem adquirem também são assinaladas pela autora. Muitas vezes são cartas, em outras, memórias mas, quase sempre, fruto da reelaboração de apontamentos de notas de viagem que, tem por sua vez, o traço comum de retratar a experiência da viagem. Objetivo que se evidencia

uma e outra vez na preocupação destas narradoras em não perder o fio de seus discursos: a viagem, ainda quando possam incorrer em desvios.

Stella Maris localiza estas experiências destas três mulheres entre dois tipos de viagens: o *Grand Tour* - próprio do final do século XVIII e final do XIX, em que se percorria um roteiro europeu - e o turismo de massas próprio do século XIX e que de alguma forma "desvaloriza" o status de viajante, ao substituí-lo pelo de turista. Elas usufruem da infra-estrutura desenvolvida com o turismo como guias, mapas, folhetos, trens, vapores, etc. A aceleração do tempo é uma marca distintiva dessa nova forma de viajar. As viajantes sentem esta aceleração em diferentes instâncias: na passagem de uma cidade a outra, de um lugar a outro, na rapidez com que têm que ser observados os lugares em relação a tudo o que tem que ser observado e no registro da observação, isto é, os momentos da escrita.

No terceiro capítulo, nos aproximamos acerca de como as narradoras lidaram com o discurso dominante do século XIX em relação às diferenças entre os sexos.

Nísia Floresta, considerada como primeira feminista brasileira, nos surpreende com um discurso que atribui à mulher um papel "muito tradicional", como a sacralidade da maternidade. No seu ensaio "A mulher", critica as mulheres parisienses que abandonam essa sagrada tarefa em prol da vida mundana, do luxo e do ócio.

O feminismo de Nísia Floresta resgatava as "qualidades intrínsecas" da mulher e projetava esta para além da esfera doméstica através da influência benéfica que devia exercer sobre os membros da família. Assim, os homens, através de suas mães, poderiam ser regenerados.

Tão moderado como o feminismo de Nísia talvez fosse o de Gertrudes Gómez de Avellaneda. Quando em 1842 publicou o romance intitulado "Dos mujeres", este foi censurado em Cuba por conter doutrinas imorais por tocar em temas como o divórcio e o adultério. Em sua própria defesa, ela diria não ser e nem poder ser doutrinária. Como já mencionamos, viveu a contradição entre a escritora e a mulher de papéis socialmente atribuídos. Como resposta a essa tensão, construiu uma auto-imagem de mulher viril.

A subordinação e dependência foram narradas por Avellaneda em seu romance *Sab*, de 1841. Sab é, igualmente às mulheres na sociedade senhorial, despossuído de direitos. A personagem feminina, sua senhora e amada, também privada de autonomia e de liberdade. Stella Maris afirma que Avellaneda questiona e transgride neste romance. Desestabiliza as representações metropolitanas e masculinas: "Apesar de todas as diferenças entre Sab e Avellaneda, é possível pensar numa associação entre ambos no que diz respeito a suas ambivalências identitárias." (p. 176) Estes sujeitos subordinados também estiveram presentes nas obras literárias de Nísia Floresta e de Eduarda Mansilla.

Eduarda Mansilla, como mulher de diplomata que viajava com criados e filhos, narrou fatos da vida social e hábitos dos norte-americanos. Seu relato *Recuerdo de viaje* se detém nos comportamentos femininos dessa sociedade, das mulheres em diferentes situações e lugares. Como diz um de seus estudiosos, Eduarda, ao viajar com seus filhos, condiciona os itinerários e as temáticas abordadas ao papel de mãe; mas, como indica a autora, é o pertencimento de classe o que mais pesa na narrativa da viajante. Apesar de insistir nas tarefas femininas circunscritas ao âmbito do privado, Mansilla valoriza as norte-americanas que se dedicavam ao jornalismo, vislumbrando nisso a possibilidade de independência financeira.

No último capítulo, são apresentadas as análises relacionais entre Europa e América. Relação baseada na tradição dos viajantes europeus. As três escritoras/viajantes, chegando neste ponto, lidam de formas diferentes com as ambivalências e contradições de serem ibero-americanas na Europa e nos Estados Unidos. Se por um lado, mais de uma vez caem no estereótipo da América/natureza, em outros conseguem criticar essa imagem européia das Américas, como no caso de Nísia Floresta, que indica a ignorância européia como origem do desconhecimento dos "avanços da civilização" no Novo Mundo. Estas mulheres, apesar das ambigüidades, são auto-confiantes, tem aquilo que Pratt define como autoconfiança discursiva, ao ponto de poderem criticar os costumes ditos "civilizados" a partir da afetividade e da moralidade. Exemplo da primeira perspectiva é a crítica de Nísia Floresta sobre as parisienses e, da segunda, a de Eduarda Mansilla sobre a sobre-exposição da esfera privada pelas americanas.

O livro *Peregrinas de outrora* nos permite penetrar na subjetividade do olhar feminino de um mundo que foi em grande parte midiaticizado pelo olhar e pena masculinos. Quais as observações de uma mulher ibero-americana sobre os lares europeus do século XIX? Quais suas apreciações sobre os costumes urbanos? Estas mulheres escreveram sobre temas tão diversos como a pobreza, a escravidão, a mendicância, o aborto, as paisagens, a civilização, a cultura, os bons costumes, o papel da mulher na sociedade e sobre elas mesmas. Stella Maris problematiza neste livro o ponto de vista a partir do qual estas três mulheres refletiram sobre o mundo em que viviam.